



## A GEOGRAFIA REGIONAL NOS CURRÍCULOS DO CURSO DE GEOGRAFIA DA USP: ENTRE TRADIÇÕES SELETIVAS E CONTROVÉRSIAS – 1934/1989

Léa dos Santos Camargo <sup>1</sup>

### Resumo:

A Geografia Regional, desde seus primórdios - científicos e institucionais - se apresenta como uma das áreas estruturantes da Geografia, tendo sido considerada durante anos o elo entre a Geografia Física e a Geografia Humana. Desta forma, ao debatermos uma parte de sua trajetória na história do curso de Geografia da Universidade de São Paulo também conhecemos uma parcela da própria história-contraditória - da Geografia Regional Brasileira. Para isto elegemos como estudo de caso a Universidade de São Paulo, visto que a mesma é referência nacional e internacional e representa também o início do processo de institucionalização do curso de Geografia no Brasil. Adotamos como marco temporal para nossa análise os anos de 1934 até 1989, período este que compreende dois grandes momentos paradigmáticos e estruturantes na história da Geografia Regional. Diante disso, o objetivo principal deste debate é analisar como a chamada Geografia Regional participou da formação do curso de Geografia da Universidade de São Paulo considerando a sua evolução no tempo e compreender como o debate regional se inseriu no currículo do curso de Geografia da USP. A análise foi feita a partir dos programas curriculares de todas as disciplinas que o curso de Geografia já teve ao longo dos 55 anos analisados e também através de entrevistas com docentes do curso de Geografia da USP.

Palavras-chaves: Geografia Regional, Currículo, Tradição seletiva;

### Abstract:

Regional Geography, since its early days - scientific and institutional - presents itself as a structuring area of Geography, being considered for years the link between Physical Geography and Human Geography. Thus, when we discuss a part of its trajectory in the history of the Geography course at the University of São Paulo (USP), we also know a portion of the contradictory-history - of Brazilian Regional Geography. Therefore, we chose the University of São Paulo as a case study due to its national and international reference and also because it represents the beginning of the institutionalization process of the Geography course in Brazil. The time frame adopted for our analysis was the years from 1934 to 1989, a period that comprises two major paradigmatic and structuring moments in the history of Regional Geography. The main objective of this debate is to analyze how the so-called Regional Geography played an important role in the creation of the Geography course at the University of São Paulo, considering its evolution over time and to understand how the regional debate was inserted in the curricula of the Geography course at USP. The analysis is based on the curricular programs of all subjects that the Geography course has had over the 55 years analyzed and also through interviews with professors from the Geography course at USP.

Keywords: Regional Geography, Curricula, Selective Tradition.

---

<sup>1</sup> Mestra pelo curso de Geografia Humana da Universidade de São Paulo- UE, [leadossantoscarnargo@gmail.com](mailto:leadossantoscarnargo@gmail.com)



## 1. Introdução

Toda produção de conhecimento e de ciência é fruto do tempo histórico ao qual está inserida, tempo histórico este marcado profundamente pelas forças hegemônicas do capital, pelo avanço da ideologia produtivista que demanda uma eterna e constante formação de mão de obra e inúmeros outros processos que atingem direta e indiretamente as Universidades, que não escapam destes processos. O “conhecimento” têm sido moldado por estes processos e dentre as diversas consequências negativas, talvez o desconhecimento e a criticidade acerca de nossa história social acadêmica seja uma das mais avassaladoras.

Em muitos estudos e autores conhecemos mais sobre a Geografia no mundo, do que no nosso próprio país. A história da Geografia Brasileira ainda é um terreno abundantemente frutífero e conhecer partes dessa história têm se tornado imperativo, uma vez que a história nos fornece respostas únicas e nos permite conhecer de onde viemos para assim podermos pensar onde queremos chegar e estar enquanto ciência geográfica.

Ao pensarmos a historiografia da Geografia Brasileira não podemos deixar de pensar na Universidade de São Paulo (USP), visto que esta foi primordial para o processo de Institucionalização da Geografia no país. Conhecer uma parte do processo histórico do curso de Geografia da USP foi para nós, por um lado, o “construir de uma linha do tempo” que nos permitiu conhecer um pouco mais sobre as perspectivas sociais, políticas, econômicas e culturais das comunidades científicas acadêmicas envolvidas com esse curso desde 1934 - ano de sua fundação.

O debate sobre a chamada Geografia Regional, por sua vez, ramo de estudo que já foi considerado o elo estrutural entre físico e humano e que foi central para o desenvolvimento epistemológico da ciência geográfica, vem passando, ao longo dos anos, por um relativo “abandono” dentro e fora da USP, fruto das inúmeras controvérsias e tradições seletivas da própria ciência geográfica mundial e brasileira.

“[...] existe um processo que denomino por tradição selectiva: tal processo, em termos de uma cultura efectiva, surge sempre subsumindo como “a tradição”, o passado significativo. Mas o que está em causa é sempre a selectividade; a forma como, entre todo um vasto campo possível de passado e presente, se escolhem como importantes determinados significados e práticas, enquanto outros são negligenciados e excluídos. De uma forma ainda mais crucial, alguns



desses significados são reinterpretados, diluídos ou colocados em formas que fundamentam ou, pelo menos, não entram em choque com outros elementos no seio da cultura efectiva dominante.” (APPLE, Michael. 1999, p. 27 e 28)

Muitos avanços feitos na Geografia só foram possíveis a partir das produções e dos debates oriundos da Geografia Regional. Abordar assuntos tão complexos como a Geografia Regional e sua “história” dentro dos currículos do curso de Geografia da Universidade de São Paulo constitui-se em um profundo exercício de compreensão das tradições seletivas que as comunidades científicas foram fazendo a partir de seus próprios interesses.

Os debates regionais passaram de objetos de estudo a ferramentas de análise, de explicativo a descritivo e etc. As abordagens regionais dentro das inúmeras correntes do pensamento geográfico produziram bibliografias muito diferentes umas das outras, com fundamentos epistemológicos por vezes divergentes e profundamente conflituosos na tentativa de vencer a disputa pelo conceito/teoria dominante entre as comunidades científicas (LATOURET, Bruno. 2011)

Neste sentido, ao longo dos anos, muitos estudos regionais perderam importância e na Universidade de São Paulo, esse processo não foi diferente. Ao longo dos anos do curso de Geografia, o debate regional vem acompanhando o caminhar epistemológico do pensamento geográfico, passando por diferentes abordagens.

“ [...] Na medida em que a Geografia deixou de ser considerada uma ciência de síntese, a perspectiva regional não pode mais se colocar como uma solução para os impasses teóricos da disciplina. A emancipação da Geografia, prisioneira da palavra ‘região’, significou o abandono e a desconsideração de importantes questões teóricas da ciência geográfica. (LENCIONI, 2009, p. 204)

Desde 1934, a Universidade de São Paulo e o curso de Geografia, passaram por profundas transformações, que de um modo geral, acompanharam o desenvolvimento político, social e econômico do Brasil. O currículo do curso de Geografia da USP sofreu diferentes alterações de disciplinas e conteúdos que refletiam as tradições seletivas feitas pelas e para as comunidades científicas dominantes dentro do curso, revelando assim as múltiplas controvérsias presentes nestas tradições e na própria re-produção da história desses currículos.



O debate regional, tão característico e essencial dentro da Geografia, também passou por significativas transformações. Desta forma, nos propomos a pensar como o debate regional se inseriu no currículo do curso de Geografia da USP.

Acreditamos que a presença do debate regional no curso da USP foi muitas vezes, fruto de um processo tumultuado e complexo, que refletia o momento histórico que a própria Universidade vinha absorvendo e re-criando em seus currículos, visto que a mesma é uma entidade orgânica, com vínculos políticos e sociais, que reproduzem os aspectos contraditórios da sociedade.

A partir das interrogações propostas fomos trilhando o percurso de nosso trabalho. Para isso elegemos como estudo de caso a Universidade de São Paulo, visto que a mesma é referência nacional e internacional. Adotamos como marco temporal inicial da pesquisa o ano de 1934 (ano de fundação da Universidade de São Paulo e do curso de Geografia) até 1989 (reformulação curricular pós ditadura militar - evento de significativa importância para a história do curso).

Partindo da premissa que o debate regional sempre esteve presente na estrutura curricular do curso de Geografia da Universidade de São Paulo nos propomos a pensar: Como a chamada Geografia Regional participou da formação do curso de Geografia da Universidade de São Paulo, a partir de 1934, considerando a sua evolução no tempo, até 1989? Como o debate regional se inseriu nos currículos elaborados pelas comunidades científicas?

Assim, definimos o objetivo geral deste debate é analisar como o debate regional inseriu-se no curso de Geografia da USP de 1934 até 1989. Para isso, norteamos nossa pesquisa a partir da análise dos programas curriculares do curso oferecidos ao longo dos anos e entrevistas com docentes que vivenciaram diferentes momentos do curso.

Compreendemos desde o início o currículo de modo orgânico, composto de inúmeros movimentos provenientes de uma natureza complexa, desta forma, escolhemos analisar os programas curriculares de todas as disciplinas oferecidas pelo curso de Geografia ao longo desses 59 anos. Acreditamos que se analisássemos apenas os programas das disciplinas ligadas diretamente à Geografia Regional, estes nos mostrariam apenas uma parte da história contida, escrita e reescrita dos currículos. Nosso



trabalho debruçou-se na análise dos objetivos, conteúdos estipulados e avaliação de todas as disciplinas dentro dos 55 anos<sup>2</sup>.

Na análise dos documentos históricos (programas curriculares) percebemos que já havia sido feita - em algum momento da história do curso - uma divisão temporal desses programas, divisões essas que chamaremos ao longo deste trabalho de Grades. Cada Grade corresponde a um currículo implantado e escolhido pelos docentes que ficou em vigência durante um período.

Como havia essa divisão “oficial” optamos por analisar os documentos respeitando-a. Desta forma, os 55 anos de documentação estavam divididos em 3 Grades Curriculares.

## **2. A Escola Francesa de Geografia e os Geógrafos Franceses na USP**

A idealização da criação da Universidade de São Paulo esteve ligada a fatores sociais e políticos, em especial do círculo “intelectual” que exercia grande influência na sociedade paulistana. Dentro desses ideais e até mesmo objetivos que foram destinados à USP, a projeção internacional já era tida como meta ainda no começo da década, quando sua criação compunha a pauta de intensos encontros e conversas ao redor do grupo “intelectual” O Estado de São Paulo (Zusman, 1997).

Desta forma, não foi ao acaso que os franceses foram os escolhidos para compor o grupo de professores-referências que iriam estruturar e organizar o curso de geografia e história dentro da FFCL<sup>3</sup>. Nos anos em que a USP (juntamente com a FFCL) foi “pensada”, a Geografia Francesa já apresentava destaque internacional, principalmente a Escola Francesa de Geografia Regional, que tinha como mestre Vidal de La Blache, que mesmo após sua morte tem suas ideias projetadas e continuadas através de seus seguidores que fizeram suas adaptações e releituras.

A comunidade científica do curso de Geografia da USP durante muitos anos foi majoritariamente de franceses. Em 1934 quando o curso de Geografia é criado<sup>4</sup> o Prof<sup>o</sup>.

---

<sup>2</sup> Gostaríamos de elucidar, que embora tenhamos consciência da importância investigativa e analítica das informações referentes às referências bibliográficas contidas nos programas, por razões de natureza estritamente metodológica e operacional, optamos por não abarcá-las em nossa análise, pois estas informações constam somente nos documentos dos programas disponíveis a partir de 1985.

<sup>3</sup> O curso de Geografia pertencia a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL).

<sup>4</sup> Neste período o curso de Geografia era organizado pelo sistema de cátedras e a cátedra de Geografia era pertencente a sub-seção de Geografia e História.



Deffontaines é trazido da França, especialmente para coordenar e organizar a cátedra de Geografia, um ano depois esta responsabilidade foi passada para Pierre Monbeig trazido ao Brasil segundo o mesmo objetivo

“ [...] Esse período pressupõe a discussão em torno da instalação dos primeiros cursos de geografia de nível superior do país. Ele marca o início de uma forte influência francesa com a presença de professores daquele país que criaram escola e deixaram marcas profundas nas instituições por onde passavam além de imprimir um “modo” francês de se fazer a ciência geográfica.” (SILVA, 2012, p. 66)

A criação da organização do curso através do sistema de cátedras não ocorreu por acaso. Quando Deffontaines é convidado para vir ao Brasil já ciente de que uma de suas funções seria organizar o curso de Geografia e História, a reprodução do mesmo modelo francês ao qual ele estava inserido, apresentava-se como uma grande oportunidade para o processo colonização intelectual proposto pela Escola Francesa de Geografia. Desta forma, é implantada na USP-FFCL/Geografia e História uma readaptação<sup>5</sup> da organização das universidades francesas.

A vinda dos franceses não contemplava somente aos interesses “brasileiros”, ela também colocava em prática um projeto da própria escola francesa de Geografia, que era de colonizar outros países intelectualmente, “a prática colonial, característica da Geografia francesa, uma espécie de marca registrada [...]” (SILVA, 2012, p. 44) e propagar seu modelo de produção geográfica científica. Além disso, a vinda de muitos franceses ao Brasil também estava ligada a interesses próprios. Vários desses intelectuais vieram no “início<sup>6</sup>” da geografia acadêmica brasileira porque viram no Brasil uma chance de inserção de suas ideias e até mesmo crescimento profissional, inserindo na USP suas tradições seletivas e aumentando seus número de adeptos e seguidores. (LATOURE. 2011)

---

<sup>5</sup> A concepção aqui apresentada, é que esta readaptação, embora totalmente baseada na Escola Francesa de Geografia, aconteceu perante as condições disponíveis na Universidade e na própria FFCL, visto que o curso, assim como a Universidade haviam sido criados neste ano e ainda não possuíam estrutura idêntica à Escola Francesa e principalmente que ela foi feita perante os interesses dos geógrafos franceses que durante anos foram a comunidade científica dominante na USP.

<sup>6</sup> Quando nos referimos a “início” estamos apontando o surgimento de uma Universidade. Acreditamos, conforme Manoel Fernandes de Sousa Neto em seu artigo Geografia nos Trópicos: História dos Náufragos de uma Jangada de Pedras? (2001), que muito antes da criação da USP, já havia produção científica de geografia no Brasil



Essa influência francesa no departamento vai durar muitos anos além dos anos iniciais do curso, visto que era interessante que os franceses ficassem mais tempo no Brasil, pois assim também estavam sempre produzindo novos materiais, estudos, liderando grupos de pesquisa, aumentando assim seus seguidores (LATOURET, 2011), ajudando-os a alavancar seus nomes na academia internacional juntamente com a escola francesa de geografia. O Brasil foi, durante anos, um campo de pesquisa para os franceses e a USP um campo de expansão e re-produção de suas teorias e nomes.

### **3. As Grades Curriculares do curso de Geografia da Universidade de São Paulo**

O trabalho de análise das Grades curriculares do curso de Geografia da Universidade de São Paulo mostrou-se um verdadeiro quebra-cabeças onde fontes, anexos, programas, objetivos, ementas, conteúdos, bibliografia, avaliação, corpo docente e documentos abandonados pelo tempo, exigiram de nós escolhas e modos de organização e categorização específicos, com o objetivo de tornar nítida a “imagem” desse quebra-cabeça.

Optamos por respeitar e apoiar parte de nossa análise na própria divisão temporal e organizacional oficial das Grades feitas pelos docentes do curso ao longo dos anos. Durante os anos de 1934 até 1946 o curso de Geografia da USP era organizado e institucionalizado pelo sistema de cátedras e somente no ano de 1946 o Departamento de Geografia é criado. Porém, mesmo durante o período vigente das cátedras e início do Departamento foi possível encontrar uma divisão oficial desses currículos - correspondente a Grade 1. Todavia, foi necessário que fizéssemos algumas junções ou separações para que os assuntos não se repetissem e apresentassem sentido metodológico.

Figura 1 - Divisão Oficial das Grades Curriculares

Grade 1 - 1934 até 1955	Grade 2 - 1956 até 1968	Grade 3 - 1969 até 1989
-------------------------	-------------------------	-------------------------

Org. Camargo, 2021

#### **3.1. Grade 1 (1934/1955)**

A Grade 1 corresponde aos primeiros 21 anos da história curricular do curso de Geografia da Universidade de São Paulo (USP). Dentro deste período temos o acontecimento de dois eventos importantes: a) a criação, em 1946, do Departamento de



Geografia; b) e o término, em 1952, do sistema de cátedras, seguido pela implementação das disciplinas.

Em termos curriculares, pode-se dizer que esses eventos tiveram pouco impacto nos programas das disciplinas, a despeito da estrutura organizacional e das escolhas curriculares apontadas nos documentos. Ao compararmos a documentação das cátedras e depois das primeiras disciplinas da Grade 1, podemos observar que estas seguiram o mesmo nome e estrutura das antigas cátedras, tendo sido acrescida apenas uma única nova disciplina<sup>7</sup>.

Ao analisarmos os currículos que compuseram os 21 anos de vigência da Grade 1 juntamente com o relato do professor José Bueno Conti, que ao ingressar na Universidade como aluno em 1955 estudou sob esses programas<sup>8</sup>, é profundamente notório que o currículo era baseado em um modelo francês-*uspiano*<sup>9</sup>, tendo como base teórico-conceitual a produção dos geógrafos franceses, que compunham a Escola Francesa de Geografia, onde o principal referencial teórico-metodológico era Vidal de La Blache. Nos programas de diversas disciplinas consta o curso Monografias Regionais e Gêneros de Vida, segundo o modelo vidaliano-*uspiano*<sup>10</sup>.

Em 1939 chega à USP Emmanuel de Martonne, figura que já exercia uma forte influência nos currículos ali presentes e que após sua chegada consagraria seu nome durante as décadas seguintes como uma das principais referências teórica/conceitual/metodológica nos currículos da USP.

No período compreendido da Grade 1 a Geografia Regional ainda não era, quantitativamente, um ponto forte do currículo, entretanto é inegável que os estudos

---

<sup>7</sup> Para mais detalhes acerca de cada uma das disciplinas ofertadas e de todo o processo histórico institucional do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo ver: CAMARGO, Léa dos Santos. Percursos da Geografia Regional no curso de Geografia da Universidade de São Paulo, 1934-2014. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2016. Dissertação de Mestrado em Geografia Humana.

<sup>8</sup> Neste momento, quando os alunos ingressaram no curso de Geografia, os que haviam matriculas até o final de 1955 continuavam a cursar o programa vigente, ou seja da grade 1 e os que ingressaram após 1956 cursaram na ótica dos programas da grade 2.

<sup>9</sup> A concepção aqui proposta com modelo francês-*uspiano* é o de que embora os franceses tenham reproduzido partes significativas da Escola Francesa de Geografia na USP, é inegável que neste processo os franceses fizeram adaptações, diferenciações e escolhas que atendiam aos seus interesses, criando assim uma versão (não oficial) da Escola Francesa de Geografia dentro da USP. Para este processo de incorporação acrescentamos o termo *uspiano(a)* para nomear este processo.

<sup>10</sup> Idem item 9 e o mesmo para os seguintes.



regionais, a análise regional, e o conceito de região, enfim, a base do pensamento geográfico regional da época foi transposto e incorporado no curso de Geografia da USP pela comunidade científica ali vigente.

Por outro lado, a análise dos currículos revelou que a despeito da inexistência de uma disciplina específica, a análise regional era evidente, principalmente aquela baseada na escola francesa. Neste período, inicia-se uma ligação muito forte entre a Geografia Regional Francesa-*Uspiana* e as disciplinas voltadas para a Geografia Física, fato que vai se manter durante muitos anos.

Figura 2 - Síntese dos principais conteúdos curriculares da Grade 1 (1934-1955)

<b>GRADE 1 1934-1955</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Referencial teórico-metodológico dominante: Vidal de La Blache-<i>Uspiano</i><sup>11</sup>;</li><li>• Monografias Regionais;</li><li>• Gêneros de Vida;</li><li>• Geografia Regional ofertada como “curso”;</li><li>• Forte presença da Geografia Regional na área de Geografia Física;</li><li>• Domínio dos professores franceses;</li><li>• Muitas indicações teóricas à De Martonne.</li></ul>

Org. Camargo, 2021

Com a maciça presença de professores franceses nas cátedras e no Departamento de Geografia ao longo dos anos, em especial nos anos iniciais, a análise regional esteve profundamente enraizada no modelo francês proposto por Vidal a partir das incorporações feitas pela comunidade científica que vinha criando e institucionalizando o currículo da USP.

Um dos pontos mais significativos da análise da Grade 1 fica a cargo do caráter predominantemente Lablacheano-*Uspiano* do currículo, evidenciando que a base teórica e conceitual ali presente é praticamente oriunda somente de Vidal de La Blache, porém esta grade também nos revela uma controvérsia que se tornará bastante comum nos anos seguintes nos currículos do curso, pois ao mesmo tempo em que há esta base predominantemente fundamentada em Vidal de La Blache, todas as inserções da obra deste

---

<sup>11</sup> Geografia Regional Francesa a partir das tradições e incorporações da Comunidade Científica *Uspiana*.



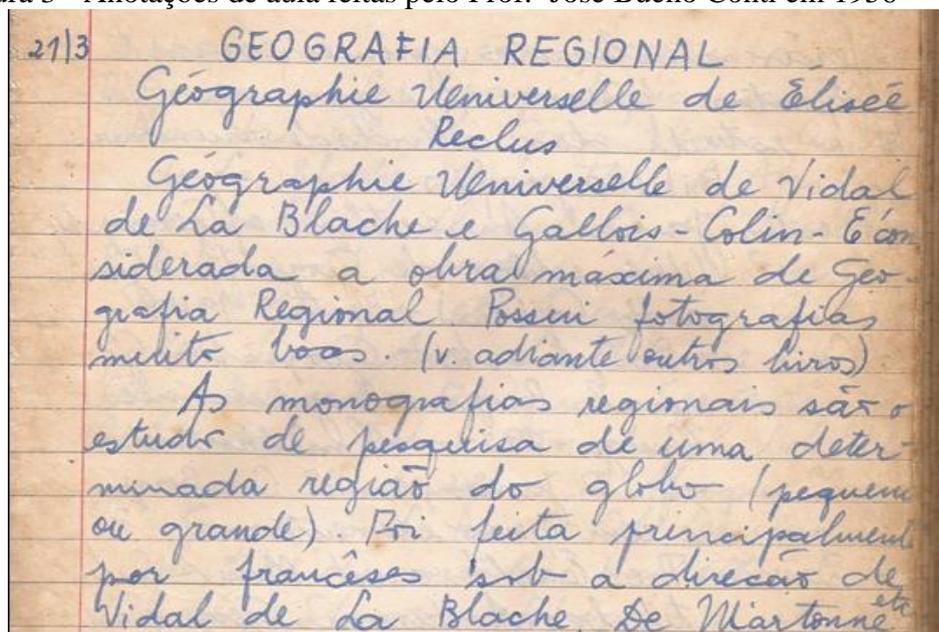
geógrafo feitas neste currículo são fruto de uma forte tradição seletiva realizada pelos franceses que colonizaram a Geografia-Uspiana e que a partir destas tradições seletivas enraizaram uma epistemologia paradigmática sobre a obra de Vidal de La Blache na Geografia Brasileira que não representa a grandiosidade e complexidade da obra deste geógrafo.

### 3.2. Grade 2 (1956/1968)

Até 1956 o curso de Geografia era oferecido junto com o curso de História e a composição curricular dos programas era uma mescla entre as duas áreas do conhecimento. Quando os cursos se separam em 1956 o curso de Geografia cria uma nova Grade curricular, onde muitas outras disciplinas foram criadas com propostas de caráter mais geográfico. Em termos numéricos pouca coisa foi alterada, de 15 cátedras/disciplinas, passa-se para 16, porém, agora todas voltadas aos temas específicos de análise da Geografia.

O professor José Bueno Conti foi aluno no período de transição da Grade 1 para a 2 e cursou as disciplinas de Geografia Regional que eram obrigatórias. Tivemos acesso aos seus cadernos de aluno, onde pudemos observar a presença da análise regional *Vidaliana-Uspiana*. Os conteúdos eram trabalhados através da perspectiva dos gêneros de vida, sempre com a metodologia das monografias regionais francesas evidenciando as tradições seletivas ali presentes.

Figura 3 - Anotações de aula feitas pelo Prof.º José Bueno Conti em 1956





A análise dos cadernos do professor Conti evidenciam uma importante tradição seletiva e incorporação que a obra de Vidal de La Blache sofre nos programas do curso de Geografia da USP. Ao realizamos a leitura dos 8 cadernos referentes a este período é facilmente notável as inúmeras referências ao geógrafo Emmanuel De Martonne, porém o destaque central fica a cargo de dois pontos: 1- a obra teórica de De Martonne é apontada como fundamental e obrigatória para a compreensão do pensamento de Vidal de La Blache; 2- De Martonne juntamente com Vidal de Blache teria sido um dos responsáveis pelo “sucesso” da Escola Francesa de Geografia.

Figura 4 - Síntese dos principais conteúdos curriculares da Grade 2 (1955-1968)

<b>GRADE 2 1955-1968</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Referencial teórico-metodológico dominante: Vidal de La Blache-<i>Uspiano</i>;</li><li>• Monografias Regionais;</li><li>• Gêneros de Vida;</li><li>• Análise regional como ponto central;</li><li>• Geografia Regional como disciplina;</li><li>• Região como método de análise dominante;</li><li>• Professores brasileiros;</li><li>• Geografia Regional: caráter teórico/conceitual;</li><li>• Muitas indicações teóricas à De Martonne na Geografia Física.</li></ul>

Org. Camargo, 2021

Nesta Grade, agora com um caráter mais geográfico a presença do debate regional se intensifica, é comum nos documentos dos programas tópicos como: *Estudos Regionais* e Produção de *Monografias Regionais*. Um dos pontos de maior destaque é a criação de uma disciplina efetivamente denominada Geografia Regional e dentro do período correspondente a Grade 2 a disciplina passa por uma mudança estrutural dos conteúdos bem significativa, tendo assim mais de um programa curricular para o período.

Na análise dos programas curriculares e dos cadernos do professor Conti, Emmanuel De Martonne é a maior referência teórica apontada nas disciplinas de Geografia Física. A maior parte das disciplinas propunha a elaboração Monografias Regionais a partir de estudos de casos específicos. Embora a influência da Escola Francesa de Geografia-*Uspiana* seja dominante, após 1965 o debate regional, através dos



programas curriculares, começa a esboçar o desenvolvimento de um pensamento geográfico Brasileiro.

### 3.3. Grade 3 (1968/1989)

A denominada Grade 3 ficou em vigência durante 21 anos, neste período muitas mudanças<sup>12</sup> foram feitas nos programas das disciplinas. Esta Grade corresponde ao período em que a análise regional e o conceito de região foram mais presentes nos currículos. Além de um aumento significativo em termos quantitativos, a proposta teórica-metodológica da análise regional é presença recorrente em muitas disciplinas, além das específicas de Geografia Regional.

Neste período histórico, os planos de desenvolvimento regional ganham destaque em termos governamentais, o que faz da Geografia uma ciência e disciplina de interesse, visto que um dos objetivos do Governo Militar era a integração nacional e o desenvolvimento regional do país, desta forma, muitos estudos de caráter da Geografia, poderiam ser usados como consulta e ferramenta. Embora o Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo não tenha tido uma ligação muito forte com o Ministério do Planejamento ou com as superintendências regionais e os Planos de Desenvolvimento Regionais, como o IBGE teve, alguns professores eram convidados a prestar “consultorias” nos assuntos relacionados.

Figura 5 - Síntese dos principais conteúdos curriculares da Grade 3 (1968-1989)

<b>GRADE 3 1968 - 1989</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Muitas indicações teóricas à De Martonne na Geografia Física;</li><li>• Grande destaque para análise regional como método de análise;</li><li>• Recorte regional para os fenômenos/processos “atuais”;</li><li>• Muitos franceses como indicação teórica em todas as disciplinas;</li><li>• Domínio da concepção de regionalismo do espaço brasileiro;</li><li>• Domínio teórico, conceitual e metodológico ligado ao desenvolvimento e planejamento regional.</li></ul>

Org. Camargo, 2021

<sup>12</sup> Importante ressaltarmos aqui que entendemos que as mudanças de uma Grade para a outra, de forma alguma estão indicando um rompimento total em termos paradigmático, teórico ou metodológico, mas sim um movimento contínuo e fluido do próprio avanço da ciência e da comunidade científica em que a Grade está inserida.



O planejamento urbano e o desenvolvimento regional foram temas marcantes nas disciplinas diretamente ligadas aos temas regionais e em muitas outras em que a análise regional foi adotada no período entre 1968 e 1989, evidenciado nos currículos uma busca pela compreensão da dinâmica dos espaços. Desta forma, na Grade 3 o debate regional se inseriu de forma profunda, mantendo por um lado ainda uma forte ligação e reprodução da *escola francesa-uspiana* dos anos anteriores e por outro lado abrindo espaço para a ampliação da Geografia Regional produzindo assim uma Geografia Regional marcada por uma nova tradição seletiva, aquela que atendia aos interesses histórico-políticos predominantes na sociedade da época.

#### **4. As Grades Curriculares segundo Tradições Seletivas**

Para compreender a constituição e principalmente as mudanças que acontecem com os currículos quando estes são de fato postos em prática, é fundamental entendermos o funcionamento das comunidades científicas juntamente com os currículos por ela elaborados. Para Michael Apple (1999) é substancial reconhecer que todo currículo possui uma tradição seletiva que é sempre feita a partir da comunidade científica com maior prestígio.

Compreender as tradições seletivas, as controversas e incorporações feitas no currículo do curso de Geografia da USP precisa ser compreendido a partir de seu caráter dialético, onde os currículos são representações da comunidade científica que o elabora e justifica. Para Apple, existe sempre um “determinado grupo de “intelectuais” que aplicam e conferem legitimidade às categorias, fazendo com que as formas ideológicas pareçam neutras” (Apple, 1999, p. 34,35). “Determinado grupo de “intelectuais” que Bruno Latour denomina de comunidades científicas, que além de elaborar e justificar este currículo também o perpetua, através do seu número de adeptos.

Desta forma ao “ajudarem” na estruturação do curso de Geografia da USP, os franceses realizaram o que Apple denomina de hegemonia ideológica. Quando os franceses participam da elaboração dos primeiros programas do curso de Geografia e inevitavelmente o pensamento dominante fica a cargo das teorias de Vidal de La Blache a partir das tradições seletivas feitas em sua obra, a hegemonia ideológica francesa se



concretiza, sendo substituída somente anos depois pela hegemonia ideológica do Estado através dos planos de desenvolvimento regionais.

Para Apple (1999) é de fundamental importância estarmos atentos a três concepções básicas, ao analisarmos um currículo, pois essas concepções estão sempre presentes no núcleo desses currículos: *Por que* razão tal forma existe? *Como* é mantido? *Quem* ele beneficia? Fica evidente que as respostas para essas perguntas se encontram enraizadas no mesmo processo: nas tradições seletivas dos currículos pelas comunidades científicas ali dominantes.

A forma como as tradições seletivas são estruturadas e organizadas não são ao acaso, elas são mantidas e reproduzidas porque representam o corpo docente - comunidade científica- que tem seus interesses próprios e que teve sua formação baseada nessas mesmas tradições seletivas e traçam os caminhos de suas pesquisas a partir dessas concepções e de suas próprias incorporações.

A estruturação dos currículos presentes no curso de Geografia da USP desde 1934, foi historicamente, fruto das intensas - camufladas ou não - relações de poder (Apple 1999) que o formularam e sustentaram.

O debate regional no período de 1934 até 1989 foi intenso nas disciplinas oferecidas no curso. A Geografia Regional, do ponto de vista paradigmático, teve duas grandes incorporações (Apple, 1999) ao longo dos anos de 1934 até 1989, que acabaram tornando-se os paradigmas dominantes nos currículos do curso de Geografia.

Figura 6 - Síntese das principais tradições seletivas dominantes no currículo-1935/1989

Grade A - 1934/ 1966	Grade B - 1966 /1989
Período em que o debate regional e a análise regional foram centrais nos programas curriculares.	
Pontos Curriculares de Destaque: Geografia Regional- <b><u>Escola Francesa de Geografia – Paul Vidal de La Blache-Uspiano</u></b>	Pontos Curriculares de Destaque: Geografia Regional- <b><u>Planejamento Regional.</u></b>
Período em que o método positivista domina a produção científica em geral e na Geografia-USP.	Influência do Neopositivismo que, na Geografia, transparece no momento de renovação, com a chamada Geografia Teorética.



- A primeira delas foi a incorporação do modelo da Escola Francesa de Geografia a partir das tradições seletivas. Na análise das Grades do curso de Geografia essa incorporação das propostas de Vidal de La Blache, sustentam-se na adoção maciça da análise regional na maioria das disciplinas, nas inúmeras propostas de monografias regionais, ao grande uso do conceito de gêneros de vida, das releituras dos textos de Vidal de La Blache e também de seus seguidores e pelo domínio teórico de De Martonne na Geografia Física.

- A segunda incorporação esteve ligada ao Planejamento Regional, onde as concepções relacionadas ao ordenamento, a organização e expansão do território estavam presentes em muitas disciplinas. Neste momento em que muitas disciplinas estavam relacionadas ao planejamento regional, a grande incorporação do currículo ficou a cargo de um dos objetivos do Governo Militar: integração Nacional e desenvolvimento regional.

Essas duas grandes incorporações (Apple, 1999) feitas no currículo do curso de Geografia da USP, em especial a Escola Francesa de Geografia, foram fundamentais e estratégicas perante os interesses da comunidade científica ali presente, conforme já apontamos. Bruno Latour, em seu livro “Ciência em Ação – como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora”, aponta que os avanços feitos pela ciência acontecem a partir das controvérsias. Para o autor, a ciência tem duas faces, uma que ele denomina como ciência pronta e a outra ciência em construção, que “falam juntas e dizem coisas completamente diferentes, que não devemos confundir” (2011, p.11)

Para Latour essa dualidade entre a ciência pronta e a que está em construção acompanha a produção científica o tempo todo. Aponta que dependendo de qual caminho o cientista resolve seguir, sua pesquisa pode ou não ter sucesso. Latour expõe que toda produção científica, que de fato chega a ser lida e reconhecida por uma comunidade científica, está sendo constantemente questionada. O sucesso a estes questionamentos dependerá do número de aliados que a teoria e o autor conseguirem conquistar; assim, o autor compreende como aliados outras comunidades científicas, o número de citações, a quantidade de leitores, o nível dos laboratórios e principalmente da “geração seguinte de textos”.

Ao considerarmos as proposições de Latour é evidente o caráter estratégico e certo que envolve a vinda de muitos professores franceses ao longo dos anos no curso de Geografia da USP. Fazer parte do processo de institucionalização e elaboração do



primeiro currículo de Geografia à nível universitário foi um terreno fértil e oportuno para garantir um grande número de seguidores, citações, leitores e de muitas outras “gerações seguintes de textos” re-produzindo as tradições seletivas e incorporações que atendiam aos seus interesses.

## 5. Considerações Finais

O objetivo primário ao analisar o espaço da Geografia Regional no curso de Geografia da Universidade de São Paulo, foi sem dúvida, uma tentativa de valorizar e ressignificar o debate regional, visto que, mesmo estando presente em muitos trabalhos, produções e disciplinas, após a década de 90, este perdeu espaço dentro do currículo e foi também uma tentativa de analisar e problematizar a relação acadêmica brasileira com os grandes clássicos, particularmente com Paul Vidal de La Blache.

Conforme apontado por Haesbaert (2010) a região na Geografia passou e vem passando por diversas “mortes e ressurreições” dentro das diferentes linhas epistemológicas de influência deste campo do saber.

“Através do rico e múltiplo legado de Vidal de La Blache é possível, evidenciar que a região já nasce fadada a idas e vindas, desconstruções e reformulações. Recorrendo agora à história do pensamento geográfico, numa abordagem bastante ampla, podemos afirmar que a região “morre” e “ressuscita” (obviamente sob “corpos” um tanto distintos...) ao longo das diferentes abordagens assumidas e/ou propostas pelos geógrafos. Isto não quer dizer, é claro, que estejamos advogando um processo histórico linear ou mesmo “cíclico”, pois bem sabemos que diferentes conceituações vão sendo propostas enquanto as mais antigas não desaparecem, convivendo ou mesmo se cruzando com estas novas criações – que também, desse modo, nunca são completamente “novas”” (HAESBAERT, 2010, p. 37)

Esse processo tão complexo apontado por Haesbaert, inegavelmente, pode ser constatado na própria história da abordagem regional construída no curso de Geografia da USP ao longo dos anos de nossa análise. As diferentes incorporações, feitas a partir das tradições seletivas das comunidades científicas (Apple 1999) que compuseram a rede histórica-intelectual desse curso desde 1934, sem dúvida, contribuíram para que o percurso da Geografia Regional tivesse ao longo dos anos várias “mortes” e ressurreições” (HAESBAERT, 2010).

Consideramos de suma importância para compreender o percurso da Geografia Regional na história da USP o processo ao qual a obra de Vidal de La Blache foi posta.



Não estamos afirmando aqui que as teorias de Vidal de La Blache não fossem conhecidas pelos geógrafos da USP, mas sim que de uma maneira mais generalizada entre as comunidades científicas sua produção acadêmica foi amplamente incorporada através das tradições seletivas, restringindo toda sua obra a uma pequena seleção de textos e conceitos feitas a partir da leitura e interpretação dos historicamente chamados seguidores lablachianos.

Conforme aponta Guilhaume Ribeiro (2012), muitos conceitos da teoria de Vidal não foram difundidos pela maior parte das comunidades científicas que incorporam suas propostas. Como a influência de Vidal a partir das tradições seletivas foi intensa na USP não podemos acreditar que isto não trouxe consequências.

Conhecer uma parte do percurso da Geografia Regional, é para nós, um resgate essencial da discussão deste campo do conhecimento tão crucial para o desenvolvimento da própria Geografia e do espaço.

### Referências Bibliográficas

- ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado**. São Paulo. Martins Fontes, 1970.
- ANDRADE, Manoel C. **O pensamento geográfico e a realidade brasileira**. Boletim Paulista de Geografia. AGB, São Paulo, n.54, junho 1977, p. 5-28.
- APPLE, Michael W. BURRAS, Kristen, L. **Currículo, Poder e Lutas Educacionais: com a palavra, os subalternos**. Porto Alegre, Artmed, 2008
- APPLE, Michael W. **Ideologia e Currículo**. Portugal, Porto Editora, 1999.
- CAMARGO, Léa dos Santos. **Percursos da Geografia Regional no curso de Geografia da Universidade de São Paulo, 1934-2014**. São Paulo : Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2016. Dissertação de Mestrado em Geografia Humana. Acesso 01/07/2021.
- \_\_\_\_\_. **Novos Horizontes sobre Vidal de La Blache e a Geografia Regional**. Geografia regional: perspectivas teóricas e práticas vol. 2. 1ed.: Eulim, 2020, p. 13-48
- CAMPOS, Ernesto de S. **História da Universidade de São Paulo**. São Paulo, Edusp, 1954.
- CAPEL, Horácio S. **O nascimento da ciência moderna e a América**. O papel das comunidades científicas, dos profissionais e dos técnicos no estudo do território / Organização e tradução de Jorge Ulises Guerra Villalobos. - Maringá: Eduem, 1999.
- CHAMBERS, David W. **Locality and science: myths of centre and periphery**. En: Mundialización de la ciencia y cultura nacional. Editado por: Antonio Lafuente, A Elena y M. L. Ortega. Madrid: Doce Calles. Hay versión en español de este texto: David Wade Chambers. "Localidad y ciencia: mitos de centro y periferia. Cuadernos del seminario. (Bogotá), 3(1/2): 21-37; ene., 1997.
- CHRISTOFOLETTI, Antonio. **Perspectivas da Geografia**. São Paulo, Difel, 1982
- DOSSE, François. **A História em Migalhas**. Tradução Dulce A. Silva Ramos. São Paulo: Ensaio, Campinas, SP: Editora Universidade Estadual de Campinas, 1992.
- FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Editora da USP. 1994.
- FÁVERO, M. L. A. **Da cátedra universitária ao departamento: subsídios para discussão**. 2000. Disponível em:



- related:www.unirio.br/estatuto/Da%20Catedra%20Universitaria%20ao%20Departamento.pdf  
Da cátedra universitária ao departamento: subsídios para discussão. Acesso em: 06/02/2015.
- HAESBAERT, Rogério. **Regional Global: dilemas da região e da regionalização na geografia contemporânea**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- HAESBAERT, R.; NUNES PEREIRA, S.; RIBEIRO, G. (dir.). **Vidal, Vidais: textos de Geografia Humana, Regional e Política**, Rio de Janeiro, Bertrad Brasil, 2012.
- JOHNSTON, R. J. **Geografia e Geógrafos**. São Paulo, Difel, 1986.
- KUHN, Thomas S. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. 12ª. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- LAFER, Celso. **A USP, aos 80**. In: Revista Fapesp – Edição Especial: USP 80 anos. Disponível em:<http://www.printfriendly.com/print/v2?url=http://revistapesquisa.fapesp.br/2014/12/29/folheie-o-especial-usp-80-anos/>. Acesso em 15/03/201
- LATOURE, Bruno. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. Tradução de Ivone C. Benedetti. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2011. 422 p.
- LENCIONI, Sandra. **Região e Geografia**. São Paulo, Edusp, 1999.
- MACHADO, Lia Osorio - “**Origens do pensamento geográfico no Brasil: meio tropical, espaços vazios e a ideia de ordem (1870-1930)**” in CASTRO, Iná et alli ( orgs. ) - Geografia: conceitos e temas, Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, pp. 309-353, 1995.
- MARCOLIN, Neldson. **Um Caminho de Pedras** - Júlio de Mesquita Filho, Armando de Salles Oliveira e Fernando de Azevedo estiveram na linha de frente da criação da USP. In: Revista Fapesp – Edição Especial: USP 80 anos. Disponível em: <http://www.printfriendly.com/print/v2?url=http://revistapesquisa.fapesp.br/2014/12/29/folheie-o-especial-usp-80-anos/>. Acesso em 15/03/2021
- MORAES, Antonio Carlos Robert. **Ideologias Geográficas: Espaço, Cultura e Política no Brasil**. São Paulo: Annablume, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Geografia: Pequena Historia Critica**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1992.
- MARTINEZ, Paulo Henrique. **Fernand Braudel e a primeira geração de historiadores universitários da USP (1935-1956): notas para estudo**. In: Revista de História. 2002, n.146, p. 11-27.
- PETRONE, Pasquale. **Geografia Humana**. In: FERRI, Mário e MOTOYAMA, Shozo. História das Ciências no Brasil. 3V. São Paulo: EDU/EDUSP, 1979. (p.303-330)
- \_\_\_\_\_. **Anotações sobre o Departamento de Geografia**. In: Revista do Departamento de Geografia, FFLCH- USP, São Paulo, 1982, nº1, p. 07-19
- PYENSON, Lewis. **Ciência Pura e Hegemonia Política: investigadores franceses e alemães em Latinoamerica**. In: LAFUENTE, Antonio e SALDAÑA, Juan J. (Coords) Historia de Las Ciencias. Madri, Ed. CSIC, 1987. (p.195-215)
- RIBEIRO, Guilherme. **Paul Vidal De La Blache e a Formação do Campo História do Pensamento Geográfico**. Geo UERJ – Rio de Janeiro, Ano 13, no. 22, v. 2, 2o semestre, 2011, p.232-249.
- \_\_\_\_\_. **Interrogando a ciência: a concepção vidaliana de Geografia**. Confins [Online],8,2010.URL:<http://confins.revues.org/6295>
- \_\_\_\_\_. **Para além da ingenuidade: releituras vidalianas**. Geographia (UFF), vol.10,n.20,2008.
- \_\_\_\_\_. **Uma epistemologia em construção: diálogos entre a Geografia e a Sociologia em Paul Vidal de la Blache**. Geographia (UFF), vol.9, n. 18, 2007.
- RIBEIRO, Júlio César; GONÇALVES, Marcelino Andrade. **Região: uma busca conceitual pelo viés da contextualização histórico-espacial da sociedade**. Revista Terra Livre, Vol. 17, São Paulo: AGB, 2001.
- SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992
- SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil – volume 3**. São Paulo. Companhia das Letras, 1998.



SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 7ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

SILVA, J. B.. **França e a Escola Brasileira de Geografia**: verso e reverso. 1. ed. Fortaleza: Edições UFC, 2012. v. 1. 232p

SOUSA NETO, Manoel Fernandes de Sousa Neto. **As Outras Histórias Ou da Necessidade Delas**. Terra Brasilis – Revista de História do Pensamento Geográfico no Brasil. Ano I, nº1 – Geografia e Pensamento Social Brasileiro, Jul./Dez.2000 Rio de Janeiro, RJ, p. 137-145

\_\_\_\_\_. **Geografia nos trópicos: história dos naufragos de uma jangada de pedras?** Terra Livre, São Paulo-AGB, n. 17, 2001, p. 119-137.

\_\_\_\_\_. **A Ágora e o Agora**. Terra Brasilis – Revista de História do Pensamento Geográfico no Brasil. Ano I, nº14 – Geografia e Pensamento Social Brasileiro, Jan./Jul.1999 Rio de Janeiro, RJ, p.8-20

\_\_\_\_\_. **Os Ventos do Norte Não Movem Moinhos**. Boletim Goiano de Geografia. Goiânia, Goiás, v.28, nº2 Jul./Dez.2008 Rio de Janeiro, RJ, p.15-32

SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e Filosofia**. Contribuindo para o Ensino do Pensamento Geográfico. São Paulo, Unesp, 2004.

WHITTLESEY, D. **O Conceito Regional e o Método Regional**, Boletim Geográfico, n. 154, jan/jun, p. 5-36, IBGE, Rio de Janeiro, 1960

ZUSMAN, Perla Brígida. **La Geografía Y El Proyecto Territorial De La Élite Ilustrada Paulista**. La Asociación de Geógrafos Brasileiros (1934-1945). Scripta Nova, Rev. Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Universidad de Barcelona, nº7, 1997. NADAI, E. Ideologia do progresso e ensino superior 1891-1934. 1982, Teses de doutorado FFLCH /USP, São Paulo